

CONSIDERAÇÕES SOBRE O PERFIL DA COLEÇÃO AFRICANA E AFRO – BRASILEIRA NO MAE – USP¹

Marta Heloisa Leuba Salum*
Suely Moraes Ceravolo**

SALUM, M. H. L.; CERAVOLO, S. M. Considerações sobre o perfil da coleção africana e afro-brasileira no MAE-USP. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, S. Paulo, 3: 167-185, 1993.

RESUMO: Este estudo visa a reunir dados ainda não publicados sobre o acervo referente à África no MAE – Museu de Arqueologia e Etnologia (Universidade de São Paulo), relacionando-o ao seu aproveitamento educacional e científico. Trata-se de uma reflexão acumulada durante o trabalho com a Coleção no período de 1981 a 1992, com o objetivo de dar uma contribuição inicial para a memória dessa Coleção na Universidade.

UNITERMOS: Brasil-África: Curadoria e histórico de coleções – Brasil: Coleções africanas em museus – África – Arte africana – Antropologia e etno-estética africana – Museologia aplicada: documentação e exposição.

A coleção africana do MAE é uma das mais importantes do Brasil concorrendo apenas com mais duas coleções de museus constituídas por peças da cultura material africana tradicional: Coleção Etnográfica Africana do Museu Paranaense Emilio Goeldi, em Belém, e Coleção

Arte Africana do Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, publicadas, respectivamente, em Figueiredo e Rodrigues (1989) e Lody (1983). Além dessas três, há algumas coleções afro-brasileiras em acervos públicos que possuem peças africanas, mas isoladas, não constituindo-se em uma coleção africana propriamente dita (Salum, 1988).²

(*) Departamento de Antropologia FFLCH da Universidade de São Paulo. Pós-graduação, doutoramento.

(**) Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

(1) Este estudo, além de um levantamento de dados sobre a Coleção Africana e Afro-Brasileira, é uma somatória dos resultados do trabalho que cada uma das autoras desenvolveu junto ao MAE, inicialmente como estagiárias do Setor Africano sob a orientação e supervisão do Prof. Dr. Kabengele Munanga. Marta Heloisa (Lisy) Leuba Salum foi estagiária de pós-graduação (1981-87) e Suely Moraes Ceravolo foi estagiária de pesquisa (1983-87), tendo, por dois anos, recebido bolsa de aperfeiçoamento da FAPESP. A primeira foi, mais tarde, pesquisadora-docente em exercício no Serviço de Etnologia Africana e Afro-Brasileira (junho de 1991 a setembro de 1992), e a segunda é, hoje, museóloga na Seção de Documentação (da qual foi chefe de 1987, quando foi criada, até 1992).

Num país onde quase 50% da população é negra,³ é evidente a importância que uma coleção da cultura material africana desempenha numa Universidade como a USP, a serviço não apenas do ensino e da pesquisa, mas também da

(2) Mesmo necessitando revisão e atualização, além de ter sido escrito com base na pesquisa bibliográfica e não de campo (exceto quanto ao MAE), esse artigo é a única publicação conhecida entre nós referente ao conjunto das coleções africanas em museus brasileiros.

(3) A última informação oficial disponível do Censo do IBGE data de 1980, tomando por base o quesito *cor*, a partir da qual divulgou-se um índice de 44% de negros e descendentes de negros.

comunidade acadêmica, estendendo-se à sociedade como um todo. Especialmente num museu como o MAE, onde esta Coleção se insere no âmbito da Antropologia, uma das disciplinas mais comprometidas com conjuntura sócio-cultural, muitas vezes intermediando o papel da Universidade e do meio acadêmico frente aos problemas nacionais.

A mesma Antropologia, que no fim do século passado justificou a saída de objetos do continente africano, pode e deve prestar-se, na atualidade, a dar-lhes um sentido particular e diferenciado num país como o Brasil.

Foi certamente com esse propósito – resgatar a “herança africana” e ressaltar a permanência de muitos de seus valores na cultura brasileira – que o Prof. Dr. Ulpiano Bezerra de Meneses, em 1969, incentivou a formação no Museu de uma significativa coleção da arte e da cultura material da África: “(...) a antropologia africana e uma coleção africana (...) constituirão exigência insubstituível para um museu que tenciona tomar como eixo o homem brasileiro. Por outro lado, dadas as articulações do MAE a outros organismos universitários e extra-universitários, e seu caráter de museu estatal à disposição do público em geral, está claro que a gama de aproveitamento de uma coleção africana de alto nível seria enorme (...)”⁴.

Essa coleção começou a ser formada em 1971, ainda na sua gestão, mas não havia ainda um africanista nos quadros do Museu. Deve-se lembrar, aqui, no entanto, a antiga colaboração do CEA – Centro de Estudos Africanos da FFLCH da USP com o MAE (Meneses, 1969:6), e que dura até nossos dias.

Em 1976, assumiu a coordenação do Setor Africano o Prof. Dr. José Marianno Carneiro da Cunha. Veio para o MAE por volta de 1970 para coordenar o Setor de Médio-Oriente, tendo se doutorado em assiriologia na École Pratique des Hautes Études, em Paris, sob a orientação do Prof. Jean Bottéro. Além da sua especialidade, nutria grande interesse intelectual pela África. Foi isso que parece tê-lo levado a aceitar proposta para ser Leitor na Universidade de Ifé, Nigéria, em

1974-75,⁵ qualificando-se como um pesquisador então voltado aos assuntos africanos e afro-brasileiros.

Com sua morte, em janeiro de 1980, assume a coordenação do setor, em dezembro do mesmo ano, seu colega e amigo Prof. Dr. Kabengele Munanga. Antropólogo e africanista recém-chegado à USP, com pesquisas no campo da etnoestética e do estudo da cultura material africana no Musée Royal de l’Afrique Centrale, em Tervuren, sob a orientação do Prof. Dr. Albert Maesen, integrou-se ao MAE para dar continuidade a um trabalho interrompido: apesar de um acervo formado e uma exposição permanente montada, havia toda uma documentação recente a ser organizada e recuperada com vistas à pesquisa sistemática.⁶

Dessa forma, de 1981 até o primeiro semestre de 1992 (último período a que se refere este estudo), foram desenvolvidos projetos de pesquisa e realizadas outras atividades como exposições temporárias, cursos e palestras relacionados com a Coleção. A grande parte dessa coleção estava em exposição permanente, o que justifica a ênfase que recebe neste estudo, estando

(5) Informações extraídas dos relatórios e outros dados de pesquisa concernentes ao projeto “O aproveitamento científico de coleções arqueológicas e etnográficas do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo: A coleção etnográfica africana de José Marianno Carneiro da Cunha do Setor Africano e Afro-Brasileiro”, desenvolvido por Patrícia Tavares Raffaini, em 1989-1991, com bolsa do CNPq sob responsabilidade da Profa. Dra. Maria Isabel D’Agostino Fleming, e supervisão da museóloga Suely Moraes Ceravolo.

(6) Até 1987, quando estruturou-se no MAE uma seção especializada, os pesquisadores responsáveis pelos setores, e curadores das coleções, assumiam também toda a parte de museologia aplicada. O Prof. Kabengele Munanga era o único pesquisador no Setor, e responsável por ele, acumulando toda a curadoria, docência e pesquisa. Além dele havia nos primeiros anos de sua gestão três estagiárias sob sua supervisão – uma de pós-graduação e duas voluntárias. Destas, uma tinha formação em História da Arte Africana, em Paris e a outra, em Etnografia, na Holanda. Esta última, Annaliza Ornstein, que já tinha vivido no Quênia e trabalhado com vários acervos africanos na África e na Europa, foi a principal colaboradora pelo primeiro arranjo da documentação referente às peças do acervo africano. Mais tarde, o Prof. Kabengele indicou, como pesquisadora responsável interina no Setor Africano, a Profa. Dra. Maria Isabel D’Agostino Fleming por ter trabalhado com o Prof. Marianno durante sua gestão no MAE.

4) “Ante-projeto de Constituição de uma Coleção Africana para o Museu de Arqueologia e Etnologia”, por Ulpiano Bezerra de Meneses, quando diretor do MAE.

os demais aproveitamentos da Coleção discriminados em apêndice.

A formação da Coleção Africana e Afro-Brasileira

A Coleção Africana e Afro-Brasileira do MAE é atualmente composta em maioria por peças da arte e da cultura material negro-africanas e, relativamente em pequena proporção, por objetos afro-brasileiros.

Muito difundido na literatura especializada, o adjetivo *negro-africano(a)* ou *tradicional* é também aqui utilizado para qualificar tudo o que pertence a contextos sócio-culturais da **África negra**, por oposição à parte setentrional da África, que sofreu importante influência quando da expansão islâmica no Continente. Alguns objetos na Coleção que revelam essa influência devem certamente provir dessa área, mas são em número irrelevante em relação aos demais.

Quanto aos objetos afro-brasileiros, eles são tidos como aqueles produzidos no Brasil, oriundos de comunidades negras e artistas, inspirados nos princípios tradicionais da Estética das culturas da África negra, ou às vezes de seu imaginário na cultura brasileira.

Nessa Coleção não se integram peças relativas ao Egito que, no MAE, são associadas ao Mediterrâneo Antigo e Médio-Oriente, e não com os demais países africanos.

Quanto à sua procedência, são várias as fontes – pessoas ou entidades – que participaram da sua formação através de compra, doação e depósito:

- Aracy do Amaral (1979)
- Benjamim Steiner (1973)
- Celso Luis Prudente (1987)
- Dilma de Mello e Sousa (1984 e 1987)
- Edgardo Pires Ferreira (1987)
- Faculdade de Veterinária da Universidade Eduardo Mondlano de Moçambique (1982)
- Galeria THE ARTISANS, Boston (1973)
- Galeria SEGY, Nova York (1972)
- Instituto de Pré-História (1971)
- Janete Ligetti (1973)
- José Marianno Carneiro da Cunha (1972 e 1976-78)
- Maria Manuela Carneiro da Cunha (1981)
- Mateus Carneiro da Cunha (1981)
- Pierre Verger (1976)

- SAMAE – Sociedade de Amigos do Museu de Arqueologia e Etnologia (1971-77)
- Serviço de Museus e Monumentos Históricos de Gana (1974)
- Tapajós Hipp (1974)
- Tiago Carneiro da Cunha (1981)
- Ulpiano Bezerra de Meneses (1973 e 77)
- Vera R. Maluf (1974)

O último registro de **compra** no Livro de Tombo é de 1976 com verba da SAMAE. Até então, o Museu contava com mais de 160 objetos de origem africana. Destes, mais da metade foram adquiridos com verba da SAMAE ou por ela doados; os demais, exceto dois deles em depósito, são doações. Apesar da dificuldade em aumentar esse acervo, a Coleção Africana e Afro-Brasileira do MAE chegou em 1987 (data do último registro de Tombo) a um montante de mais de mil peças, graças à entrada, entre outros, de três grandes lotes de peças.

Esses lotes constituem-se num conjunto de peças que foi formado na sua maioria durante a estada do Prof. Marianno na Nigéria, durante os anos de 1974 e 1975, quando por ele foram compradas⁷ dando entrada no Museu em 1976, 1977 e 1978.

A compra foi efetuada em Dakar (Senegal), uma espécie de entreposto de arte africana, e na República Popular do Benin (antigo Daomé), já que na Nigéria havia restrições à saída de objetos tradicionais.⁸ Por isso, o conjunto não foi composto apenas por objetos de sociedades locais, como Fon ou Yorubá (que se situam tanto no Benin quanto na Nigéria), mas procedentes da Costa do Marfim, Burkina Fasso (antigo Alto Volta), até do Mali e do Niger, de forma a torná-la representativa de toda a África ocidental (ver mapa).

Essa diversidade geográfica se expressa numa grande variedade de produtos (jóias, máscaras, estatuetas, tecidos) e técnicas (metalurgia, escultura, tecelagem, trançado). Entre os objetos da Coleção, encontram-se alguns de outras regiões da África como do Zaire e dos Camarões, entrando

(7) cf. nota 5.

(8) A partir de 1960, quando se deu a independência dos países africanos, muitos deles estipularam leis, relativas a *antiguidades*, proibitivas à saída de peças tradicionais para o exterior, consideradas então Patrimônio Nacional.



Localização das sociedades tradicionais africanas, de onde provêm peças da Coleção Africana e Afro-Brasileira do Acervo do MAE (ver no mapa os países onde essas sociedades se situam) (Desenho e normatização de termos: Lisy Leuba Salum).

na área das populações de línguas *bantu*, possibilitando um trabalho didático junto ao acervo através do binômio **diversidade-umidade cultural** da África segundo as orientações de Maquet, 1967 e Diop, 1979, entre outros, e as noções de continuidade estilística e identidade cultural (Carneiro da Cunha, 1983:989-1026 e Munanga, 1989), manifestas nas representações do segmento negro nas sociedades ocidentais contemporâneas.

A formação desse conjunto de objetos por Marianno Carneiro da Cunha foi balizada por uma orientação metodológica muito particular mas muito

clara, possível de ser revelada no plano de exposição permanente que elaborou e na sua montagem,⁹ que acompanhou, sem no entanto vê-la finalizada.¹⁰ A

(9) Na Seção de Documentação do MAE não há registros sobre essa montagem. O que dela se conhece advém de depoimentos orais de Maria Isabel D'Agostino Fleming, responsável pelo seu projeto museográfico expositivo, bem como de Kabengele Munanga e de anotações de estágio de Marta Heloisa Leuba Salum, da época em que a primeira montagem ainda vigorava. (10) A montagem foi concluída por Maria Isabel D'Agostino Fleming alguns meses depois de sua morte.

I – SOCIEDADES TRADICIONAIS AFRICANAS, DE ONDE PROVÊM PEÇAS DA COLEÇÃO AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA DO ACERVO DO MAE (ver no mapa os países onde essas sociedades se situam)

- Afikpo - Efik - ramificação Igbô – (14)*
Ashanti ou Fanti - Agni orientais – (11)
Azande – (22, 16 e 17)
Baga – (6)
Bahemba - complexo Baluba – (22)
Bakuba – (22)
Balanta – (6)
Bambara ou Bamana – (2 e 9)
Bamileke – (15)
Bamun – (15)
Bandaka - Ngbaka – (16 e 22)
Basonge – (22)
Bateke ou Tio – (22)
Baulê ou Yaurê - ramificação Ashanti – (9)
Bayaka – (22)
Bini ou Ôdo - habitantes da cidade do Benin – (14)
Bijagó – (6a)
Bobo ou Bobo-Fing – (2 e 10)
Dafi – (10 e 9)
Dan ou Yakoba – (9,8 e 7)
Dogon – (2)
Ewê – (12 e 13)
Fang ou Pauin – (15, 19 e 20)
Fon - Ewê orientais – (14)
Fula, Fulani ou Peul - grupos nômades, alguns sedentarizados – (4 a B)
Guerê ou Gerê-Wobê – (9)
Guro – (9)
Hausa – (3 e 14)
Ibô ou Iwô - Igbô – (14)
Ijô ou Ijaw - ramificação Igbô – (14)
Kran - Guerê ocidentais – (8)
Lobi – (10 e 9)
Mangbetu – (22)
Marka – (3 e 2)
Mauro – (1)
Mbala – (22)
Mossi – (10)
Nagô - Yoruba ocidentais (do Benin) – (13)
Niagwa – (9)
Nupe – (14)
Senúfo – (9, 2 e 10)
Somba – (13)
Yoruba – (14)
Wouri – (15)
Wolof – (4 e 5)
Grupos não identificados – (18, 21, 22 e 23)

II – LEGENDA DO MAPA

- 1: Maurítânia
2: Mali
3: Níger
4: Senegal
5: Gâmbia
6: Guiné-Bissau
6a: Ilhas Bijagó
7: Serra leoa
8: Libéria
9: Costa do Marfim
10: Burkina Fasso (ex-Alto Volta)
11: Gana
12: Togo
13: República Popular do Benin (ex-Daomé)
14: Nigéria
15: Camarões
16: República Centro-Africana
17: Sudão
18: Kênia
19: Guiné Equatorial
20: Gabão
21: República Popular do Congo (ex-Congo francês)
22: Zaire (ex-República do Congo, parte do ex-Congo Belga)
23: Moçambique
- a: Cidade de Dakar
b: Cidade de Ifê
c: Cidade de Benin
d: Cidade de Kinshasa
- A: Egito
B: Chade
- A1: Mar Mediterrâneo
A2: Lago Chade
A3: Lago Vitória
A4: Lago Tanganyka
A5: Lago Niassa

Obs. Os números correspondem apenas a países da África contemporânea onde estão situadas as sociedades representadas no acervo do MAE. As letras correspondem a cidades citadas no texto ou referências geográficas para melhor localização do leitor.

discussão desse assunto será exposta no decorrer do próximo item.

O Setor Africano e Afro-Brasileiro da Exposição Permanente na “Sala Marianno Carneiro da Cunha” do Bloco D do CRUSP

Fotografias que hoje estão arquivadas na Seção de Documentação do MAE foram encontradas junto a documentos diversos do Setor Africano em 1980-1982, parte delas identificadas como registro da exposição “África – Arte Negra”. Trata-se de uma célebre mostra de peças do acervo do IFAN-Institut Fondamental de l’Afrique Noire, em Dakar, montada em 1969 no Edifício de Geografia e História, na Cidade Universitária, nas antigas instalações do Museu, que na época chamava-se Museu de Arte e Arqueologia (MAA), e era dirigido por Ulpiano Bezerra de Meneses, como já foi mencionado.

Embora ainda não houvesse peças africanas no acervo do MAA, pretendia-se, por meio dessa exposição temporária de 90 dias, criar um novo setor de trabalho através de um “núcleo de arte negra”, tendo em vista que “as exposições temporárias devem dispor-se ao longo de uma espinha dorsal, referir-se a uma atividade permanente, que ela enriquece e aprofunda” (Meneses, 1969:5).

Esse evento abriu caminho para as primeiras entradas de peças africanas no acervo, esboçando o surgimento desse “setor de trabalho” que se almejava.

Em 1977, já com o nome de Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE), realizou-se também no espaço do Edifício da Geografia e História uma mostra do acervo africano e afro-brasileiro, apresentando as últimas aquisições do setor, “pondo em relevo a fidelidade dos cultos afro-brasileiros à sua origem, e coincidindo com a *Quinzena do Negro*.”¹¹

Constituída por 50 peças, seu organizador foi o sociólogo Eduardo de Oliveira e Oliveira,¹² já

falecido, então em exercício na Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia de São Paulo (colaboradora no evento), ao lado de Marianno Carneiro da Cunha, já no MAE.

Essa mostra parece corresponder à prorrogação enunciada em *folder* de divulgação, s/data, do MAE, no qual se anuncia a “Exposição Afro-Brasileira”, em que se lê: “Aproveitando a recente comemoração da Quinzena do Negro, o MAE/USP está apresentando, até agosto, parte de seu acervo afro-brasileiro”. Parece, também, ser resultante dessa mostra a manutenção de algumas vitrines montadas com objetos africanos,¹³ ao lado de suas exposições permanentes, já tradicionais, sobre Mediterrâneo antigo e América Pré-Colombiana.

Cerca de dois anos mais tarde, Carlos Eugênio Marcondes de Moura, também sociólogo, coordenou na Pinacoteca do Estado um evento intitulado *Candomblé: um culto afro-brasileiro*, com vídeos e filmes do MIS – Museu da Imagem e do Som, palestras – uma das quais proferida por Marianno, como encarregado do assim chamado Setor Afro-Brasileiro do MAE –, e exposições em que se integraram seis peças provenientes da Nigéria, pertencentes ao acervo do Museu.

É dentro desse contexto que se agilizou a criação do Setor Africano do MAE, dando início a suas atividades. Mas parece que ele tenha realmente se efetivado no processo da montagem de uma exposição. Uma exposição não temporária, como as anteriores, mas planejada para ser permanente, que demandou atividades de pesquisa, curadoria e documentação, além de outros trâmites, como os de alfândega,¹⁴ depois da volta do Prof. Marianno da África ao Brasil. Essas atividades desenvolveram-se até 1980, ano de sua morte, o que permite considerar-se a exposição permanente africana do MAE, finalizada nesse ano, em sede nova no Bloco D do CRUSP, como sendo ela própria a “espinha dorsal” das atividades específicas do Setor Africano. Essa consideração baseia-se no fato de Marianno Carneiro da Cunha ter investido prioritariamente na elaboração do plano da exposição e na sua montagem, que legou concluída. Tanto que seu intenso trabalho de pesquisa sobre arte e arqueologia africana, e

(11) Texto do *folder* “Quinzena do Negro”, por Marianno Carneiro da Cunha, 1977.

(12) Informação verbal de Carlos Serrano, junto com Oliveira e Oliveira, pesquisador do CEA na época. Seu nome não é mencionado no *folder* de divulgação, mas fica implícito no crédito dado para a colaboração da instituição a que pertenceu. Eduardo de Oliveira e Oliveira foi quem colaborou – mencionado em catálogo – na exposição *África – Arte Negra* (1969), representando o CEA.

(13) Essas vitrines mostravam peças da Arte do Benin (depois armazenadas na Reserva Técnica), entre outras. Informação verbal de Maria Isabel D’Agostino Fleming.

(14) cf. nota 5.

também sobre o negro no Brasil, permaneceu inédito, começando a ser publicado postumamente (Carneiro da Cunha, 1983 e 1984).

Como justificar o fato de uma exposição anteceder a pesquisa e a docência?

A resposta à questão estaria na forma e no modo da constituição de sua coleção, mais precisamente no tipo e qualificação de objetos, ou conjunto de objetos, que escolheu para adquirir, mesmo que no maior das vezes impôs-se sobre o poder de escolha, a oportunidade de compra.¹⁵

*A Coleção e a primeira montagem da Exposição Permanente africana: uma linha de pensamento*¹⁶

O interesse de Marianno Carneiro da Cunha era difundir no Brasil o conhecimento das sociedades e culturas africanas:

“ Não se pode (...) negligenciar ou descartar o negro quando se pretenda fazer história da arte, tanto quanto qualquer outro tipo de análise de fatos históricos, antropológicos, sociais ou econômicos do Brasil. (...) não se tem explorado com a devida profundidade toda a diversificação e extensão do elemento africano na cultura material brasileira.” (Carneiro da Cunha, 1983:990).

Assim, Marianno tomou como centro de seus interesses a produção estética africana numa perspectiva cultural abrangente:

“(...) [Uma arte como a africana e a afro-brasileira – conceitual e icônica –] só faz sentido na medida em que exprime padrões culturais, ofereça uma visão de mundo e as idéias que a acompanham.” (Carneiro da Cunha, 1983:995).

Nesse sentido é que estabeleceu níveis para a compreensão da arte africana (das artes plásticas à literatura oral), dizendo:

“(...) impõe-se considerá-la em três níveis: a) o formal e o técnico; b) a finalidade e o sentido; c) sua capacidade de influir sobre outras culturas.” (Carneiro da Cunha, 1983:984).

Esses três níveis de consideração participam da coleção que constituiu e da exposição que planejou, o que pode ser ilustrado pelas observações

que se seguem.

1a.) Procurou constituir coleções específicas como a de jóias, e a dos objetos da sociedade dita “secreta” *Ogboni* enfatizando a tecnologia do bronze, material em que são feitas a grande maioria de suas insignias. Enfatizava, assim, também, o tema das estruturas de poder social e religioso.

Para demonstrar os procedimentos técnicos e técnicas construtivas, como a fabricação de objetos de bronze pela *cera perdida* ou a de objetos em madeira, feitos, tradicionalmente, “em um bloco só”, encomendou a artistas tradicionais séries de objetos ilustrando fases sucessivas do processo de escultura (ver fotos em Carneiro da Cunha, 1983: 985).

Sua preocupação com a técnica, no entanto, parece ter sido mais voltada a aspectos estético-culturais, referentes ao **ser-estar no mundo** e ao **tempo-espaço** dos povos africanos, já que os utensílios e ferramentas concernentes à subsistência, por exemplo, foram expostos junto a máscaras e a outros objetos rituais agrários, de forma a dimensionar a importância, entre eles, da territorialidade e a noção de fertilidade relacionada à fecundidade (Munanga e Ceravolo, 1987:10), extrapolando a dimensão econômica da agricultura e da metalurgia, mais propriamente a forja. Nesses e noutros segmentos da exposição ressaltou o valor artístico das peças, caso contrário, não reuniria o restante do conjunto de máscaras em um painel sem nele referir-se à especificidade cultural e/ou funcional de cada uma delas.

2a.) Trouxe para o acervo, de Salvador da Bahia, obras de arte negra no Brasil e objetos de culto afro-brasileiros que por sua singularidade parecem ter tido, já de início, em comparação com o resto da coleção, uma função destinada na exposição: ilustrar as características comuns e contrastes entre as culturas africanas e brasileira.

Dessa maneira, parece que Marianno previa a exposição antes mesmo de a coleção adquirir unidade. Parece, também, não ter se preocupado em isolar a pesquisa numa Reserva Técnica como que “trazendo-a para dentro de” uma sala de exposição, já que não hesitou em expor valiosas coleções específicas, praticamente inteiras, como a do conjunto dos *Ogboni* e de jóias, sendo que apenas algumas peças, ou parte do conjunto, seriam ali suficientes para uso didático.

Essas duas observações parecem ser suficientes para demonstrar que a própria qualificação e tipo

(15) cf. nota 5.

(16) A discussão da bibliografia deste item foi feita por M.H.L. Salum no trabalho de aproveitamento do curso *Teorias Antropológicas Clássicas*, 1992, intitulado “Algumas reflexões sobre categorias de pensamento e museografia antropológica”.

do objeto revela a preocupação de Marianno quando da **formação da coleção** – no sentido de **montar a exposição** –, quase que fundidas num só corpo.

Tal perspectiva de unidade transparece também na elaboração do plano geral da exposição, regido pelos seguintes módulos temáticos:¹⁷

- “Vida cotidiana e uso doméstico”.
- “Agricultura-caça”.
- “Metalurgia: ferro e bronze”.
- “Artesanato”.
- “Jogos e lazer”.
- “Instrumentos musicais”.
- “Jóias e adorno”.
- “Poder e autoridade”.
- “Religião, magia, feitiçaria”.

Esses módulos articulavam-se num jogo de oposições binárias complementares – socialmente vividas na África tradicional (Balandier, 1976) – entre o universo **profano** e o **sagrado**, que deu o direcionamento para a segunda montagem realizada por Kabengele Munanga, comentada a seguir.

No vão de entrada do espaço expositivo, Marianno determinou o posicionamento de um *par de Exú* de ferro (ver fotos em Munanga, 1989: 121-122), no que identificar-se-ia uma dessas oposições binárias, tendo em vista o papel que a figura de *Exú* desempenha na abertura de cerimônias em cultos afro-brasileiros (caso de candomblés), ou seja, de uma divindade, entre os homens, que “abre o caminho” para o mundo espiritual.

Essa é a explicação amplamente difundida para o *par de exú* na entrada da exposição, desde a sua inauguração em 1980. Tal foi a importância que Marianno lhe atribuía, que foram mantidos exatamente da mesma forma na montagem de Kabengele.

É provável, porém, que a função desses dois objetos na “porta” da exposição africana era a de enunciar, numa forma subjacente à oposição *profano versus sagrado*, a dialética espaço-temporal negro-africana discutida no próximo item. O próprio Marianno dizia: “(...) [Exú] destrói

contudo para recriar. É o princípio da desordem inseparável do discurso ordenador (...). (...) Divindade ligada ao mercado, ao comércio, às encruzilhadas, representa portanto a própria noção de mudança, de dinamismo no quadro rijo de normas culturais (...)”. (Carneiro da Cunha, 1983:1013).

*A segunda montagem*¹⁸

Em 1982-83, foi feita uma reforma na exposição, dirigida por Kabengele Munanga, necessária para recondicionar vitrines e painéis, atualizar dados, dinamizar sua organização espacial e fazer o controle de conservação das peças. Ela acarretou algumas modificações, tais quais:

1a.) Revisão terminológica na nomenclatura dos módulos temáticos, como por exemplo, a mudança do título “Religião, magia e feitiçaria”, que passou a intitular-se “Vida religiosa”, ou “Poder e autoridade” que passou a “Poder político”.

2a.) Redução, nos painéis e vitrines, da quantidade de peças de mesma representatividade e significado (caso de peças dos *Ogboni* e de jóias).

3a.) Revisão de todas as legendas e elaboração de outras, novas.

4a.) Atualização do circuito expositivo, tendo em conta a adoção da nova terminologia (cuja revisão foi acima mencionada), redistribuindo o mobiliário e introduzindo peças de entrada recente no acervo e de outras que até então permaneceram armazenadas para conservação e restauro.

Mas, o fundamento que regia a primeira montagem de Marianno Carneiro da Cunha permaneceu no plano traçado para a reforma por Kabengele, que sempre dizia lá estar, antes de tudo, por sua consideração ao colega. E esse fundamento transparece sobretudo diante do conhecimento, comum aos dois especialistas, do que significam essas peças no contexto de origem (Munanga, 1974), no espaço museológico (Kamer, 1984 e Coquet, 1990), e no conjunto da Coleção Africana e Afro-Brasileira do MAE.

Já de início, deve-se lembrar que, como outras

(17) Anotações de estágio de Marta Heloisa Leuba Salum relativas ao acompanhamento da elaboração do projeto museográfico expositivo da segunda montagem.

(18) cf. nota 16.

coleções etnográficas, ela é composta por objetos de alta perecibilidade devido aos materiais em que são confeccionados, predominantemente de origem animal e vegetal. São por isso recentes, revelando-nos uma produção com relativa continuidade pelo menos do fim do século passado até nossos dias. Por isso, a principal significação desses objetos para eles era justamente constituírem-se em testemunho de uma dinâmica sócio-cultural.

Há no acervo peças de uma produção artesanal surgida na África em decorrência do comércio de mercado, ao lado de outras inspiradas numa produção tradicional secular. Se alguns objetos ainda são elaborados da mesma forma e possuem a mesma função, outros não se produzem mais e isso passou a ocorrer principalmente devido ao **fato colonial**. Um exemplo disso está em publicações de Alan Merriam (1974 e 1978) sobre mudança social e cultos coletivos no Zaire, referindo-se ao desaparecimento de certas produções estatuárias, seguido do surgimento de outras, como de algumas máscaras. Ocorre que, nessas culturas, o pano de fundo tradicional permanece ainda que em novas formas e significados, não escondendo sua matriz geradora.

Em razão disso, Kabengele enfatizou, nessa segunda montagem, a perspectiva histórica enunciada no plano original de Marianno. Aliás, este dizia: “As subdivisões clássicas da Pré-história não se aplicam de modo absoluto à África negra (...)”. Suas razões são explicitadas em Carneiro da Cunha (1983:975-977) e certamente advêm das considerações que se seguem. Trabalhos sobre a **tradição oral** contestam a história africana nos moldes em que é difundida até o presente, escrita no modelo ocidental da História (Vansina, 1968 e Hampaté-Bâ, 1980, entre outros). Muitas pesquisas têm sido desenvolvidas, também, recuperando a verdadeira história dos povos e civilizações africanas por instituições locais, como o IFAN do Senegal, em Dakar, e IMNZ-Institut des Musées Nationaux du Zaire, em Kinshasa. Além disso, a escavação de sítios arqueológicos exige uma metodologia cuidadosa diante do que foi dito, de forma que uma história geral da África só começou a ser publicada, volume por volume, há muito pouco tempo (ver Ki-Zerbo, 1980, mais tarde editada no Brasil e o número de agosto-setembro de 1979 do *El Correo de la Unesco*).

Toma-se, aqui, oportuno lembrar que tratando-se das sociedades africanas não se pode desconsiderar

uma noção tradicional de historicidade muito particular, regrada pela dialética constante entre termos antagônicos, mas complementares, das relações de tempo e de espaço, como os **tempos dos mortos e dos vivos**, ou os **espaços das dimensões sociais e das míticas**: “(...) o reino é ao mesmo tempo um microcosmo do universo (...) e o macrocosmo junto da aldeia” (Roumeguère-Eberhardt, 1963:95). Em pelo menos um módulo da montagem elaborada por Marianno, essa relação já aparecia, quando justapôs “Agricultura-Caça” – “Metalurgia” com a produção da “Realeza” (bronzes dos *Ogboni* e outras insígnias de poder), explicando-se assim o depoimento de Maria Isabel D’Agostino Fleming, segundo o qual Marianno queria salientar, no contraste, uma linearidade entre a vida cotidiana, ou familiar, e a vida na Corte, ou nos escalões do poder instituído, resultando, pela dinâmica entre os dois planos, o exercício continuado de uma (re)atualização constante.

Por isso, abordar os objetos dessa Coleção sob uma orientação teórica que não leve em consideração as **permanências** das civilizações antigas (neles reveladas), mas também os fatores sócio-culturais das sociedades africanas na contemporaneidade (que os produziram), significa atribuir-lhes um valor distinto daquele que orientou sua produção, desvirtuando o seu papel dentro de um museu de vocação antropológica no seu mais amplo sentido.

O plano da segunda montagem da exposição permanente africana do MAE (ver diagrama), ilustra, através da interrelação de módulos temáticos, essa dinâmica das sociedades negro-africanas através de suas estruturas sociais, políticas, econômicas e religiosas, mais do que através de sua cronologia.

Contrastando na exposição “Vida cotidiana e uso doméstico” – “Vida social” – “Metalurgia” – “Caça e agricultura” com “Poder político” – “Vida religiosa” – “Fertilidade” (ver fotos 1 a 3), Kabengele nela imprimiu, além da visão oferecida pelo binômio *profano-sagrado* observada no plano de Marianno, a dimensão da **dinâmica tradição-modernidade**, conforme expressada em Balandier (1971).

E, finalmente, dando ao circuito expositivo um movimento contínuo e ininterrupto, Kabengele ressaltou o aspecto cíclico e mítico da História (Bubu Hama e Ki-Zerbo, 1979 e Kagame, 1975), necessário à compreensão das sociedades e das culturas africanas.

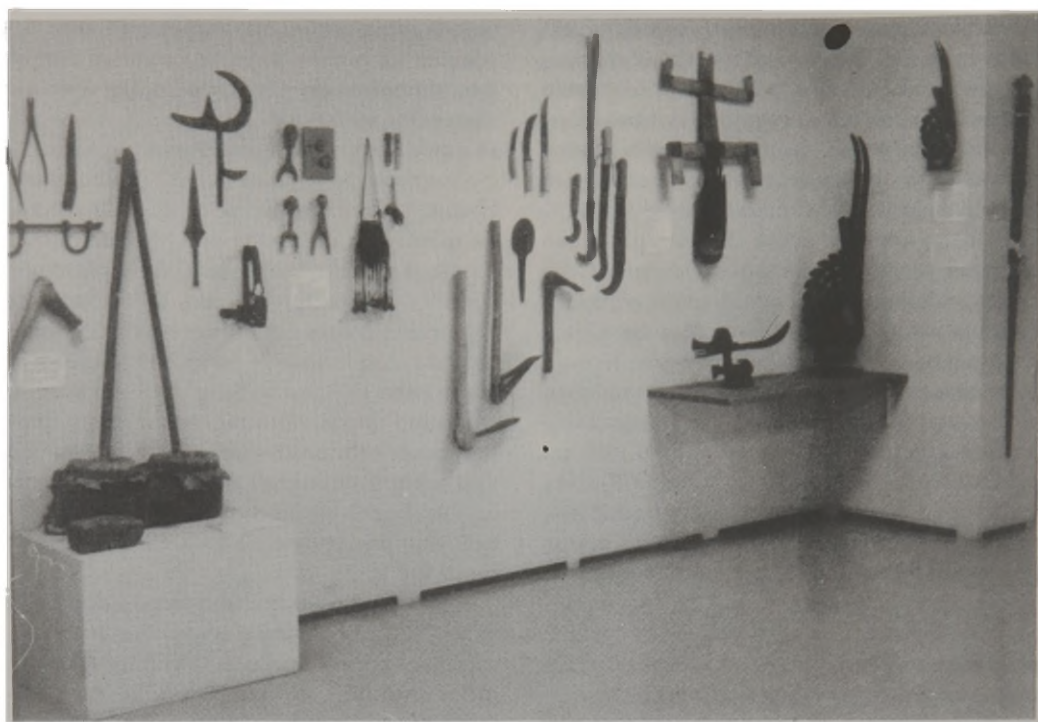


Foto 1 - Vista parcial da segunda montagem da exposição permanente africana na Sala Marianno Carneiro da Cunha do Bloco D do CRUSP – Tomada dos módulos "Metalurgia" e "Caça e Agricultura" (ver diagrama), mostrando instrumentos utilizados na forja, objetos relativos à caça e ferramentas agrícolas, bem como máscaras usadas em ritos de fertilidade. Foto: Maria Isabel D'Agostino Fleming (1987).

Em 1992,¹⁹ o Prof. Dr. Kabengele Munanga já havia determinado a reelaboração²⁰ – uma terceira montagem –, que foi adiada em virtude da mudança do MAE para a sede definitiva.

Nessa reelaboração constava, entre outras, as seguintes medidas em discussão:

1a.) Planejamento de um módulo temático

(19) Ano em que Prof. Dr. Kabengele Munanga deixou o MAE e a curadoria da Coleção, para ficar com exercício total de suas atividades de docência e pesquisa na FFCLH – Departamento de Antropologia e Centros de Estudos Africanos.

(20) Em 1985, houve uma remodelação da Exposição Permanente do MAE, no sentido de substituir suportes e melhorar a circulação do público. O plano da segunda montagem da exposição do Setor Africano e Afro-Brasileiro, porém, não sofreu alteração.

referente ao espaço afro-brasileiro, distinguindo-o, mantendo, porém, sua correlação aos outros da África.

2a.) Rever módulos temáticos como “Vida religiosa” e sua nomenclatura, evitando equívocos, já que esse módulo não é, na realidade, relativo apenas à religião no sentido ocidental estrito, mas também aos sistemas filosófico, cosmogônico e mitológico. Isso também daria margem para abordar temas contemporâneos no currículo escolar sobre **Homem-Meio-Cultura**, como *racismo, ecologia* e outros.

3a.) Elaborar vitrines específicas, como sobre o tema “Tradição e modernidade”, visando ao público estudantil, no sentido de rever conceitos antes distorcidos na literatura acadêmica, aplicados à história africana e a do negro no Brasil.

Vista parcial da segunda montagem da exposição permanente africana na Sala Marianno Carneiro da Cunha do Bloco D do CRUSP (Fotos 2 e 3).



Foto 2 - Tomada do módulo "Vida religiosa" (ver diagrama), mostrando nos primeiros planos vitrines e painéis relativos a divindades do Candomblé e do panteão yoruba, e, no último plano, os painéis com máscaras. Foto: Lisy Leuba Salum (1983).



Foto 3 - Tomada do módulo "Vida cotidiana e uso doméstico" (ver diagrama), mostrando painéis referentes a cestaria e trançado, tecelagem, e utensílios e mobiliário, tendo em primeiro plano esculturas relativas ao poder social (extensão do módulo "Poder político"). Foto: Maria Isabel D'Agostino Fleming (1987).

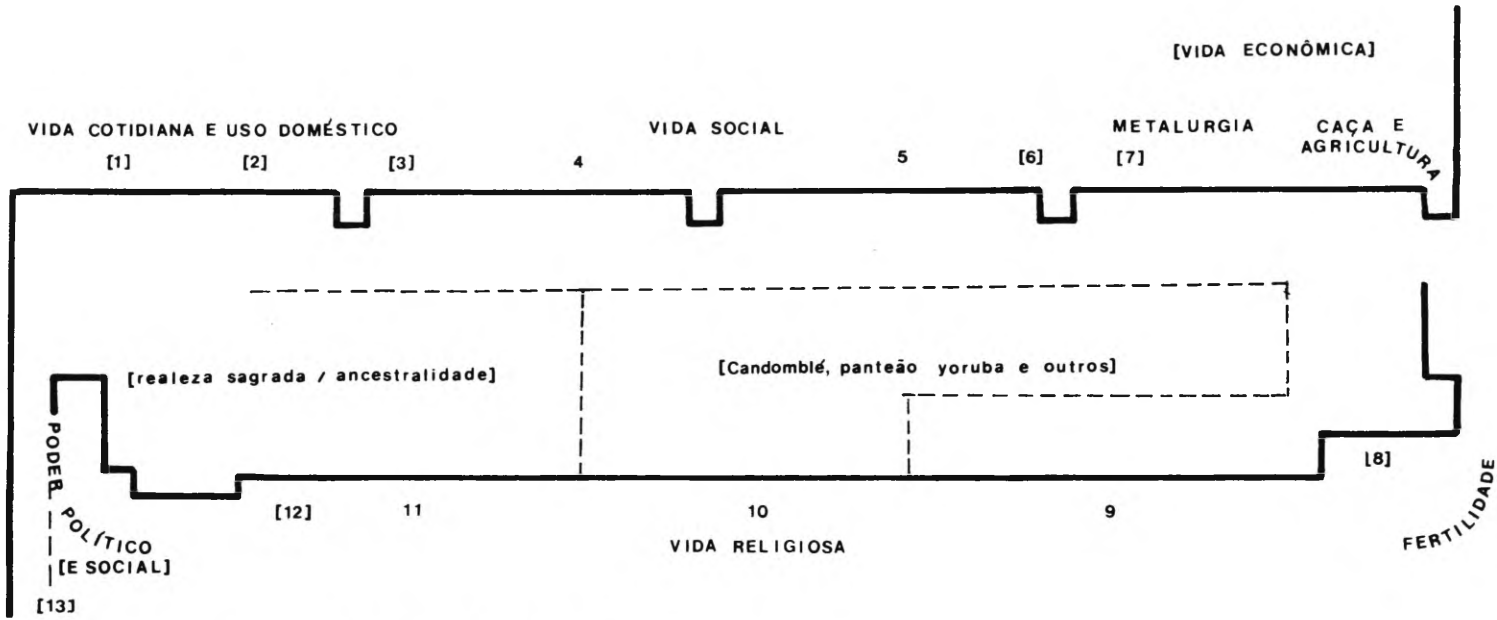


Diagrama - Desenho e adaptação do original: Lisy Leuba Salum

III - TÍTULO DO DIAGRAMA:

PLANO DA SEGUNDA MONTAGEM DA EXPOSIÇÃO AFRICANA DO MAE (1983-92)

IV - LEGENDA DO DIAGRAMA

- [1] : *Cestaria e trançado*
- [2] : *Tecelagem*
- [3] : *Utensílios e mobiliário*
 - 4 : *Jóias*
 - 5 : *Música e lazer*
- [6] : *Troca*
- [7] : *Fundição (processo da cera perdida) e forja*
- [8] : *Sociedades "secretas" (Associações)*
 - 9 : *Máscaras*
 - 10 : *Divindades*
 - 11 : *Culto dos antepassados*
- [12]: *Cosmogonia*
- [13]: *(entrada e saída da exposição) Par de Exú*

Obs. Estão entre colchetes as sub-divisões da exposição que não foram destacadas no diagrama original do quadro indicador para o público na entrada da exposição.

Hoje, com o museu já em sede nova e viabilizando um novo projeto para a Exposição Permanente que integra todas suas áreas científicas dentro de um mesmo plano temático, a terceira montagem da Coleção Africana e Afro-Brasileira deverá receber um outro tratamento. Afinal, as suas duas primeiras montagens representaram uma das formas possíveis do aproveitamento expositivo dessa coleção, mas uma forma distinta. Era distinta porque levava em consideração, do ponto de vista museológico, tanto seus elementos constituintes como também a noção de conjunto sobre a qual foi fundada. E do ponto de vista antropológico, porque levava em consideração o significado histórico e social das culturas de onde provêm os objetos africanos da Coleção (abordadas inicialmente sob noções etnocêntricas de *círculos culturais* ou *civilizatórios* por autores como Baumann e Westermann, 1948, ou Murdock, 1959, entre outros) e a função que esses objetos podem desempenhar – neste caso, fora do contexto sócio-cultural de origem – num acervo brasileiro como o do MAE.

Outros aproveitamentos da Coleção Africana e Afro-brasileira

No período de 1981 e primeiro semestre de 1992, o Serviço Africano e Afro-Brasileiro desenvolveu inúmeras atividades referentes à Coleção Africana e Afro-Brasileira do MAE. Elas serão mencionadas em apêndice, subdivididas em, produção acadêmica e exposições. Além delas, serão listados, na sequência, os títulos em que se encontram publicadas peças da Coleção, desde folhetos e cartazes até estudos de caso e de coleções.

Quanto às atividades docentes, essa coleção serviu de apoio em cursos, seminários e palestras no MAE, na maior parte com a colaboração da CECAE-USP (CODAC-USP), visando à pós-graduação e à extensão universitária; à formação de professores e alunos de 1o. e 2o. Grau (em convênio com a Secretaria de Estado da Educação através da CENP – Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas); e, à difusão cultural, informando o público em geral, ultrapassando os limites do *campus*.

Algumas dessas atividades foram promovidas fora do Museu, por órgãos da Secretaria de Estado da Cultura (MCB – Museu da Casa Brasileira, Oficinas Culturais Oswald de Andrade, Pinacoteca do Estado), da Secretaria Municipal da Cultura (Centros Culturais), pelo MASP, e – da USP – pelo CAEL – Centro Acadêmico do Departamento de Letras, CEA - Centro de Estudos Africanos, Estação Ciência, MAC,²¹ normalmente com recursos audiovisuais, sempre divulgando a Coleção, a exposição africana permanente do MAE.

A exposição permanente africana e afro-brasileira foi referência importante – constando como visita programada – em disciplinas de graduação e pós-graduação na USP, na ECA e na FFCLH. É o caso de cursos dirigidos pela Profa. Dra. Dilma de Melo e Silva (Departamento de Artes Plásticas), pelo Prof. Dr. Carlos Moreira Henriques Serrano (Departamento de Antropologia), pelo Prof. Dr. Fabio Leite (Departamento de Sociologia), Prof. Dr. Kabengele Munanga (Departamento de Antropologia), Prof. Dr. Fernando Augusto de

(21) Espera-se que qualquer omissão nesse sentido seja comunicada às autoras, aos cuidados das editoras da *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, de forma a contribuir com a continuidade do levantamento da memória da Coleção.

Albuquerque Mourão (Departamento de Sociologia). Todos esses quatro professores são ligados ao CEA – Centros de Estudos Africanos da FFLCH. Seu diretor, Mourão, sempre manteve, em suas dependências, ainda hoje afixados desde o início da década de 1980, cartazes feitos por ele mesmo, com os dizeres: “Visite a exposição permanente de arte africana / Museu de Arqueologia e Etnologia / Bloco D – 5o. andar”.

Seria impossível, aqui, elencar todos esses cursos, seminários, palestras, sem correr o risco de cometerem-se omissões. É importante lembrar, no entanto, que a grande maioria foi de iniciativa e responsabilidade do Prof. Dr. Kabengele Munanga, às vezes partilhando da colaboração de seus colegas, acima mencionados, ou às vezes partilhando seus cursos com estagiários no Serviço Africano do MAE e orientandos na FFLCH, convidando-os para ministrar aulas ou proferir palestras, iniciando-os, dessa forma, na atividade docente relativa aos problemas africanos ou afro-brasileiros.

Apêndice

Na medida em que este estudo adquiriu corpo, onde a Exposição Permanente tomou-se objeto central, julgou-se ser mais adequado colocar em apêndice os outros aproveitamentos da Coleção Africana e Afro-Brasileira, subdivididos do seguinte modo:

Produção acadêmica, Exposições Temporárias e Publicações. Trata-se de um material descritivo e comentado – diferindo em essência da Crônica do Museu que anualmente era veiculada pela Revista *Dédalo* do Museu –, mas tem por função, também, suprir a falta de divulgação no período de constituição da Coleção, e sobretudo de sua organização, já que tal Revista, ficou fora de circulação entre 1975 a 1983, sendo que apenas em 1985 voltou a publicar a seção referida.

Produção acadêmica

Aqui vão relacionados os projetos de pesquisa de peças da Coleção Africana e Afro-Brasileira realizados por estagiários, com bolsa de aperfeiçoamento da FAPESP e do CNPq, sob orientação e supervisão do Prof. Dr. Kabengele Munanga, e outras pesquisas relacionadas com o

acervo africano do MAE. Algumas delas transformaram-se em teses, outras foram publicadas em artigos ou apresentadas em encontros científicos.²² Elas serão mencionadas com a referência bibliográfica ou, simplesmente, pelo seu título final. Finalmente, é necessário lembrar que há inúmeros trabalhos escolares e acadêmicos não publicados, realizados por estudantes, pesquisadores e docentes sobre peças da Coleção. Seria, aqui, impossível enumerá-los todos.

a) Projetos de pesquisa (aperfeiçoamento)

“Os instrumentos musicais africanos do Museu de Arqueologia e Etnologia – USP: a marimba e sua influência”, por Celso Prudente. Relatório final na Seção de Documentação do MAE.

“Estudo de objetos do acervo africano e afro-brasileiro do MAE-USP relacionados com fertilidade”, por Suely Moraes Ceravolo. Alguns de seus resultados foram apresentados no 2o. Congresso Brasileiro de Estudos Afro-Asiáticos (ALADAAB), São Paulo, 1986. Parcialmente publicado (Munanga e Ceravolo, 1987).

“Estudo de objetos do acervo africano e afro-brasileiro do MAE-USP relacionados com poder e autoridade”, por Helmy Mansur Manzochi. Parcialmente publicado por K. Munanga e H.M. Manzochi. *Dédalo* 25, 1987:23-38.

b) Outros estudos

“Estudo da simbólica material em cultos afro-brasileiros”, por Marta Heloísa Leuba Salum. Foi inicialmente integrado sob o título “Dimensão material de expressão da cultura”, no projeto “A Umbanda em São Paulo: memória e atualidade”, coordenado pelo Prof. Dr. Lísias Negrão (CER – Centro de Estudos da Religião da FFLCH da USP/Fundação Ford/FAPESP). Resumo publicado no Suplemento de *Ciência e Cultura* 35(7), 1983:116. Foi mais tarde retomado em função da “Exposição de objetos sagrados nas religiões afro-brasileiras” (ver a seguir).

“Tecidos africanos: levantamento do acervo pertencente ao MAE-USP”, por Suely Moraes Ceravolo. Trabalho de aproveitamento no curso de Museologia do Instituto de Museologia de São Paulo, 1987, FSPSP. Cópia na Seção de Documentação do MAE.

Estudos de curadoria, pesquisa e documentação, por Marta Heloisa Leuba Salum, sob supervisão do Prof. Dr. Kabengele Munanga. Alguns de seus resultados foram publicados (Salum, 1988) e outros apresentados no 1o. Congresso Brasileiro de Estudos Afro-Asiáticos (ALADAAB), São Paulo, 1984, sob o título “Do artefato ao objeto de museu”, e na 16a. Reunião Brasileira de Antropologia (ABA), Campinas, 1988, sob o título “Questões de material e método e o sistema de classificação no estudo de coleções de museus” (ver *Programação e Resumos*, p.51).

Estudo da evolução formal e iconográfica dos objetos simbólicos e culturais em uso nas religiões afro-brasileiras, por Kabengele Munanga. Alguns de seus resultados foram apresentados no 46o. Congresso Internacional dos Americanistas, Amsterdã, 1988, e publicados posteriormente (Munanga, 1989).

Estudo da Seção Educação do MAE sobre o trabalho educativo em 1o. e 2o. Graus com o acervo africano do MAE (produção de máscaras em madeira e fundição em bronze). Relatório final, por Judith Mader Elazari, 1991. Cópia na Seção de Documentação do MAE.

c) Teses

Arte afro-brasileira: origens e desdobramentos. Tese de Livre-Docência de Dilma de Melo e Silva, 1989 (ECA-USP).

A grande estatuária dos Basonge do SE do Zaire. Dissertação de mestrado de Marta Heloisa Leuba Salum, 1990 (FFCLH da USP). Supervisão do estudo de peças: Prof. Dr. François Neyt (UCL-Universidade Católica de Louvain-La-Neuve). Orientação: Prof. Dr. Kabengele Munanga.

Alguns aspectos iconográficos da produção plástica religiosa afro-brasileira. Dissertação de Mestrado de Helmy Mansur Manzochi, 1992 (ECA-USP). Orientação: Prof. Dr. Wolfgang Pfeiffer.

Exposições temporárias

Neste estudo já foram mencionadas mostras temporárias de que se tem conhecimento com as

primeiras peças do acervo africano do MAE, antes de 1980. Aqui, pretende-se fazer o registro com dados documentais das mostras realizadas paralelamente à exposição permanente africana, já definida e montada.

Audio-visual “Artes africanas”, atividade programada no Espaço Cultural Afro-Brasileiro, encontro promovido pela COOPERCULTURA/FEA/USP, com apoio da SEC-SP, SCMS, MAE-USP, ECA-USP, TV Cultura, Pinacoteca do ESP, CEA-FFLCH da USP.

Projeto, planejamento, organização e realização de Marta Heloisa Leuba Salum (fotografia de Rômulo Fialdini e Célio do ICB).

2 a 11 de dezembro de 1983, no Centro Cultural São Paulo.

Foi constituído por slides de peças africanas do acervo do MAE e de fotos ilustrando-as em contexto sócio-cultural de origem.

“O Ser Negro”, exposição realizada em comemoração do Centenário da Abolição da Escravatura.

Curadoria e planejamento de Ricardo Bogus. Organização e realização do Museu Paulista.

Junho a novembro de 1988, no Museu Paulista da USP.

Integraram 10 peças africanas do MAE, no IV módulo intitulado *Africa* como referência à situação do negro no Brasil desde o período colonial até os nossos dias, ao lado de peças de outras procedências.

“A mão afro-brasileira”, exposição do Programa Nacional do Centenário da Abolição da Escravatura – Ministério da Cultura, com apoio do Banco do Brasil.

Curadoria, planejamento e organização de Emanuel Araújo (assistente de curadoria: Carlos Eugênio Marcondes de Moura). Divulgação: cartazes, folder e catálogo.

25 de agosto a 25 de setembro de 1988, no MAM-Museu de Arte Moderna, Parque do Ibirapuera, São Paulo.

Integraram 22 peças africanas e afro-brasileiras do acervo do MAE como referência aos seus módulos temáticos “Arte popular” e “Arte contemporânea”.

“Exposição de objetos sagrados nas religiões afro-brasileiras”, atividade do módulo *Cultura Religiosa Afro-americana* do Congresso Internacional *Escravidão*, com apoio da Administração da FFLCH, MAE, Convênio UFMA/FUNARTE e Labortec.

(22) cf. nota 21.

Curadoria, planejamento, organização e realização de Marta Heloisa Leuba Salum, Rosa Maria Bernardo e Mundicarmo Ferreti. Divulgação: *folder* 7 a 11 de junho de 1988, no saguão do prédio das Ciências Sociais e Filosofia da USP. Integrou 24 peças africanas do acervo do MAE para ilustrar, por contraste ou similaridade, formas que adquire o fenômeno religioso no continente africano e a gama das religiões que delas se originaram nas Américas, ao lado de fotos e objetos de outras procedências.

“Exposição de peças africanas e afro-brasileiras do Museu de Arqueologia e Etnologia”, atividade paralela ao Congresso Internacional *Escravidão*, com apoio CNPq e CODAC-USP.

Curadoria e planejamento de Helmy Mansur Mansochi. Organização de Maria Isabel D’Agostino Fleming e Suely Moraes Ceravolo. Realização do MAE. Divulgação: catálogo.

7 a 11 de junho de 1988, no saguão do Anfiteatro da Cidade Universitária (USP).

Foi constituída por 24 peças africanas e afro-brasileiras do acervo MAE, ilustrando a produção material dos grupos culturais africanos, tendo em vista ressaltar a contribuição dos negros africanos, aqui chegados como escravos, na formação da cultura brasileira através da sua memória coletiva.

“Arte e sociedade na África”, exposição realizada em promoção conjunta MAE e Estação Ciência da USP, com apoio do CNPq e Jornal da USP.

Curadoria, planejamento e projeto museológico de Marta Heloisa Leuba Salum (apoio museológico de Suely Moraes Ceravolo e apoio à pesquisa de Donizete Rodrigues). Organização de Maria Isabel D’Agostino Fleming e Marco Antonio Dinato Bruno. Realização do MAE e da Estação Ciência. Consultoria científica de Kabengele Munanga. Divulgação: cartaz e *folder*. 19 de setembro a 23 de outubro de 1991, no mezanino da Estação Ciência da USP, São Paulo.

Foi constituída por 24 peças africanas do acervo do MAE, para dar aos estudantes de 1o. e 2o. Grau referências sobre a estética, as culturas e a história do continente africano ainda não constantes dos currículos escolares.

Publicações

Em Carneiro da Cunha (1983) encontram-se as primeiras publicações de peças da Coleção.

Posteriormente, alguns artigos apareceram na *Dédalo*, antiga revista do MAE, publicada até 1990.

As dissertações e teses que se basearam na Coleção, ou nas quais aparecem estudos de peças, são inéditas, mas encontram-se em bibliotecas públicas, dependendo do caso, também em algumas no exterior. Elas já foram acima relacionadas em *Produção acadêmica*.

Foram realizados e distribuídos folhetos para divulgação relativos a exposições temporárias e cursos, mencionando ou analisando objetos desse acervo nelas expostos, além de cartazes e pequenos catálogos com fotos e ilustrações. Esse material também será abaixo listado entre as demais publicações, em que se inclui a produção de uma edição de cortesia da Secretaria de Intercâmbio e Difusão Cultural do MinC, como resultado da exposição organizada por Emanuel Araújo no MAM, atrás mencionada.

Há também, finalmente, nessa listagem referência a dois artigos publicados numa edição organizada por Carlos Eugênio Marcondes de Moura, com fotos de objetos afro-brasileiros do acervo do MAE. Não há conhecimento entre nós de outras publicações que, como essa, incluam, como ilustração, peças da Coleção,²³ se não de divulgação de eventos.

Caso a publicação já tenha sido citada no corpo do texto, o leitor será remetido, pela referência, à bibliografia.

– “Quinzena do Negro – Acervo Afro-Brasileiro: últimas aquisições”. *Folder*. Texto de Marianno Carneiro da Cunha (fotos de Pierre Verger e Yolanda Huzak). Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia de São Paulo/MAE, 1977.

– Cartão postal, foto s/crédito, com legenda, São Paulo, SAMAE, 1976.

– “Culto dos ancestrais na Bahia: o culto do égun”, por Joana Elbeim dos Santos. C.E.M. Moura (Org.) *Olóòrisà: escritos sobre a religião dos orixás*. São Paulo, Ágora, 1981:153-188.

– “Os obás de Xangô”, por Vivaldo da Costa Lima. C.E.M. Moura (Org.), *idem*:87-126.

(23) cf. nota 21.

– “Projeto Integração Escola/Museu/Comunidade”. *Folder*. Texto produzido pela Seção Educação do MAE-USP (ilustração de Ênio). CENP e MAE, 1982.

– Munanga, K. e Ceravolo, S. (1987)

– “Símbolos, poder e autoridade nas sociedades negro-africanas”, por Kabengele Munanga e Helmy Mansur Mansochi. *Dédalo*, 25, 1987:23-38.

– “A cultura de origem negra no Brasil”, por Mario Barata. E. Araújo (Org.) *A mão afro-brasileira: significado da contribuição artística e histórica*. São Paulo, Tenenge, 1988.

– “A mão afro-brasileira”. *Cartaz. III-Arte popular*, por Emanuel Araújo. São Paulo, MinC/MAM, 1988.

– “Exposição de objetos sagrados das religiões afro-brasileiras”. *Folder*. Texto: Marta Heloisa Leuba Salum e Mundicarmo Ferreti. São Paulo, FFLCH da USP, 1988.

– “Exposição de peças africanas e afro-brasileiras – Museu de Arqueologia e Etnologia. Introdução de Kabengele Munanga. Apresentação de Wolfgang Pfeiffer. Legendas-texto de Helmy Mansur Mansochi. São Paulo, CODAC-USP, 1988.

– Salum, M. (1988)

– Munanga, K. (1989)

– “Iniciação após a morte: nota sobre os ritos de iniciação femininos entre os Bijagó da Guiné-Bissau”, por Dilma de Melo e Silva. *Dédalo*, 26, 1989:129-144.

– “Arte e sociedade na África”. *Folder*. Texto por Marta Heloisa Leuba Salum. São Paulo, Estação Ciência/CNPq, 1991.

– “Arte e sociedade na África”. *Cartaz*, por Marco Antonio Dinato Bruno (foto de Lisy Leuba Salum). São Paulo, Estação Ciência/ CNPq, 1991.

– *Boletim informativo*. (MAE-USP), 1(0): 2, novembro de 1991.

– “Curso *Arte negro-africana*”. *Cartaz*, por Neliana Tojar (desenho de Lisy Leuba Salum). São

Paulo, MAE, 1991.

– “Acervos da USP”. Livreto. Texto referente ao acervo do MAE de Elaine Veloso Hirata e Maria Isabel D’Agostino Fleming. Grupo de Trabalho Museu e Universidade (IEA-USP). São Paulo, CODAC-USP, s/data.

– “Exposição Afro-Brasileira”. *Folder*. MAE, s/ data.

– “Universidade de São Paulo – Museu de Arqueologia e Etnologia”. *Cartaz de divulgação*, por Denise Dal Pino de Souza (fotos de Célio do ICB). São Paulo, Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária e Coordenadoria de Comunicação Social da USP, s/data.

– (2) Cartões postais, com fotos de Célio do ICB. São Paulo, Pró-Reitoria da Cultura e Extensão Universitária, s/data.

Agradecimentos

Ao Prof. Dr. Kabengele Munanga, por nos ajudar – cada uma de nós em seu caminho – a encontrar um significado maior para nossa ligação com a Universidade. Agradecemos também ao Kabengele por ter-nos incentivado na concretização deste estudo, lendo e comentando os originais, e despertado em nós o interesse pela pesquisa, com sua orientação crítica e severa, mas generosa, que nos uniu e nos mantém unidas como colegas, e amigas, pelo amor ao seus ensinamentos sobre a África.

À Patricia Tavares Raffaini e à Profa. Dra. Maria Isabel D’Agostino Fleming, pelas informações concedidas. À Mabel, pela leitura dos originais, ratificando dados pertinentes à época em que trabalhou com o Prof. Dr. Marianno Carneiro da Cunha, e pelo entusiasmo estimulante com que sempre continuou tratando o acervo africano, sabendo da importância de um setor relativo à África no Museu e do valor da Coleção de que dispõe. À Patricia, por nos dispor de todas as anotações suplementares referentes a sua pesquisa sobre o conjunto de peças da família Carneiro da Cunha no acervo africano do MAE, bem como de seus relatórios e conclusões, autorizando-nos seu uso neste estudo.

Nota: Lamentamos, contrariamente à nossa vontade, não ter submetido este estudo, antes de entregá-lo para publicação, à apreciação dos Profs. Drs. Fernando Augusto de Albuquerque Mourão, Manuela Carneiro da Cunha e Ulpiano Bezerra Meneses, que direta ou indiretamente, projetaram o Serviço Africano e Afro-brasileiro do MAE-USP no patamar de importância que alcançou. Esperamos, entretanto, deles receber observações ou críticas que possam acrescentar dados na memória da Coleção, preenchendo lacunas, ou mesmo retificando faltas cometidas involuntariamente, possíveis, diante de problemas documentais originados por sucessivas mudanças na configuração institucional do MAE nos últimos dezessete anos.

In Memoriam

As autoras compartilham do sentimento de

escrúpulo em publicar, na ausência do Prof. Dr. Marianno Carneiro da Cunha, considerações sobre algumas de suas idéias. Sentem-se, no entanto, honradas em poder tentar aproveitá-las – através, e com a presença atuante do Prof. Dr. Kabengele Munanga –, evitando que se dissipassem no anonimato bibliológico.

Nesse sentido, também, Suely Moraes Ceravolo compartilha com Lisy Leuba Salum da sua inspiração no gosto pela pesquisa minuciosa e pela análise sintagmática, na retidão e no despreendimento do saudoso Prof. Dr. Isaac Nicolau Salum, seu pai. Ele soube como ninguém – acima de todos os conflitos individuais e burocráticos na Universidade de São Paulo – entregar à comunidade acadêmica o destino de sua produção intelectual, por entender que ela era mais útil para o trabalho coletivo, do que para o favorecimento de sua carreira pessoal.

SALUM, M. H. L.; CERAVOLO, S. M. Considerations on the profile of the MAE-USP African and Afro-Brazilian collection. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, S. Paulo, 3:167-185, 1993.

ABSTRACT: This study intends to gather not yet published data concerning the African collection of MAE-Museu de Arqueologia e Etnologia (University São Paulo), relating it to its scientific and educational utilization. It is a reflexion which grew out of our work with the collection in the period from 1981 to 1992, with goal of giving an initial contribution to the memory of this collection to the University.

UNITERMS: Brazil-Africa: Curatory and Historical of Collections – Brazil: African Collections in the Museums – Africa – African art – African Anthropology and Ethno-Aesthetics – Applied Museum Science: Documentation and Exposition.

Referências bibliográficas

BALANDIER, G. (1971) *Sociologie actuelle de l'Afrique noire* PUF, Paris.
— . (1976) *Antropo-lógicas*, Cultrix, São Paulo.
BAUMANN, H.; WESTERMANN, D. (1948) *Le peuples et les civilisations de l'Afrique suivi des langues et l'éducation*, Payot, Paris.

BUBU HAMA, M.; KI-ZERBO, J. (1979) Tiempo mítico e tiempo histórico en África. *El Correo de la UNESCO*, 32:12-16.
CARNEIRO DA CUNHA, M. (1983) *Arte afro-brasileira*. W. Zanini (Ed.) *História geral da arte no Brasil*: 975-1033.

- (1984). A feitiçaria entre os Nagô-Yorubá. *Dédalo* 23:1-15.
- COQUET, M. (1990) Quiproquos. A propos d'esthétique africaine. *Journal des Africanistes*, 60 (2):53-64.
- DIOP, C. (1959) *L'Unité culturelle de l'Afrique Noire*. Présence Africaine, Paris.
- FIGUEIREDO, N.; RODRIGUES, I. (1989) *A Coleção Etnográfica Africana do Museu Paraense Emílio Goeldi*, SCT/PR/CNPq e MPEG, Belém.
- HAMPATE-BA, A. (1980) La tradition vivante. J. Ki-Zerbo (Ed.) *Méthodologie et préhistoire africaine*:191-230.
- KAGAME, A. (1975) A percepção empírica do tempo e concepção da história no pensamento Bantu, A. Ricoeur (Ed.) *As culturas e o tempo*:102-135.
- KAMER, H. (1984). L' "art nègre", entre la brousse et la salle de vente, J. Hainard e R. Kaehr (Ed.) *Objets prétextes, Objets manipulés*:65-88.
- KI-ZERBO, J. (1980) *Histoire Générale de l'Afrique I: Méthologie et préhistoire africaine*, Jeune Afrique/Stock/ UNESCO, Paris.
- LODY, R. (1983) *Coleção Arte Africana*, Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro.
- MAQUET, J. (1967) *Africanité traditionnelle et moderne*. Présence Africaine, Paris.
- MENESES, U. (1969) Apresentação, MAE (Ed.) *África – arte negra*: 5-6.
- MERRIAM, A. (1974) Change in Religion and the Arts in a Zairian village. *African arts*, 7(4):46-53 e 95.
- (1978) Kifwebe and other Masked and Unmasked Societies among the Basongye. *Africa-Tervuren*, 24 (3):57-73 e 24 (4):89-101.
- MUNANGA, K. (1974) A propos de la fonction de l'art plastique en Afrique noire. *Zaire-Afrique*, 84:223-234.
- (1989) Art african et syncrétisme religieux au Brésil. *Dédalo*, 27:99-128.
- MUNANGA, K.; CERAVOLO, S. (1987) Fertilidade da terra e fecundidade da mulher: símbolos e suportes materiais nas sociedades negro-africanas. *Dédalo*, 25:7-21.
- MURDOCK, P. (1959) *Africa: Its People and their Culture History*, McGraw-Hill, New York/Toronto/London.
- ROUMEGUERE-EBERHARDT, J. (1963) *Pensée e sociedade africaines: essays sur une dialectique de complémentarité antagoniste chez les Bantu du Sud-Est*. Mouton. Paris/La Haye.
- SALUM, M. (1988) Termos classificatórios do objeto de arte africana nas coleções: um problema para os acervos museográficos no Brasil. *Dédalo* 26:43-60.
- VANSINA, J. (1968) *La tradición oral*, Labor, Barcelona.

Recebido para publicação em 29 de julho de 1993